UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

17INSCRIÇÕES 74-79



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1986 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA
Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





ARA VOTIVA DE FURTADO

Гото 74

Este monumento votivo, em granito de grão grosseiro (e actualmente de fácil desagregação, principalmente na face anterior), esteve durante muitos anos a servir de coluna de suporte do altar da capela de S. Clemente, na aldeia de Furtado (Algodres, Fornos de Algodres), com a face inscrita virada para a parede a que estava encostada. Há alguns anos, quando efectuaram obras de restauro, puderam aperceber-se da inscrição. Continua guardada no mesmo local, sem qualquer utilização (¹).

A tipologia da ara, não só pelas suas dimensões mas também por apresentar o capitel baixo e plano, foge ao vulgar: mais parece um pedestal (a *Pudens?*). Sob o plinto tem um filete e listel, em garganta; a moldura da base é de chanfro reverso alto.

capitel 12 \times 49 \times 40

Dimensões: fuste $53.5 \times 38.5 \times 28$ base $29 \times 41/53 \times 44$.

Campo epigráfico: 53.5×38.5 .

PVDENS / COMPETRI (filius) / ARAS EI / COLLOVESEI / 5 CAIELONI C/OSİGO S(acravit, vel -ancto?)

Pudens, (filho) de Competrius (?), consagrou (?) as aras àquele Colloveseis Caielonis Cosigus (santo?)

⁽¹) Agradecemos ao Reverendo P.º Luís Ferreira de Lemos, arcipreste de Fornos de Algodres, a informação sobre a sua existência.

Altura das letras: l. 1: 6,5/6; l. 2: 6/6,5; l. 3: 6/7; l. 4: 6,5 (OO = 5,5, e V = 7,5); l. 5: 6,5/6; l. 6: 7/6,5 (primeiro O = 5,5). Espaços: 1: 1,5; 2 a 4: 2,5; 5: 2/1; 6: 2; 7: 2,5/2.

A interpretação da epígrafe (com caracteres não gravados em bisel), por falta de paralelos, levanta algumas dificuldades;

- a) seria de esperar *Petri* (gen.), uma vez que *Petrus*/*Petrius* é antropónimo latino, tal como *Pudens; Competrus* poderá ser um composto;
- b) Collovesei (dat.) faz lembrar o antropónimo indígena Lovesius, mas pode corresponder a um teónimo;
- c) além do radical *Caiel*-, que já não é novidade (2), *Caielo-nicosigos* não parece fazer sentido: daí a leitura em separado daquilo que poderá corresponder a dois epítetos (3).

Apenas uma nova identificação do teónimo (se for esse o caso) poderá ajudar a completar (ou confirmar) esta interpretação, que se considerará provisória.

Pela grafia extensiva de *aras*, bem como, principalmente, pela utilização do pronome (no dativo e para o qual não encontramos paralelo), este monumento não deve ser anterior ao séc. III.

⁽²⁾ Como, entre outros casos das Beiras, na inscrição rupestre de Lamas de Moledo (CIL II 416) que termina com ... IOVEAI (?) CAIELOBRIGOI (e não Cacilobrigoi, como se tem lido).

^(*) Esta interpretação, foi-nos sugerida pela Prof.ª Maria de Lourdes Albertos, a quem manifestamos o nosso agradecimento.



Гото 74

FRAGMENTO DE ARA A JÚPITER, DE ALDEIA DE JOÃO PIRES

Гото 75

Este fragmento, em granito de grão fino, apareceu recentemente, ao serem efectuadas obras no adro da igreja de Aldeia de João Pires, freguesia do concelho de Penamacor. Foi recolhido por João José Franco Frazão, que o mantém na sua posse.

Corresponde à metade superior de uma ara, de cuja inscrição somente se salvou o teónimo, embora existam indícios de mais uma linha. Apenas restam vestígios da moldura na face frontal, porque todas as outras faces foram picadas e desbastadas: ao plinto seguia-se um listel convexo, terminando com um filete estreito, em garganta.

Dimensões: capitel $(20) \times (22) \times (26)$ fuste $(21) \times (21) \times 22$.

Campo epigráfico: $(21) \times (21) \times (21)$.

Campo epigraneo. $(21) \times (21)$.

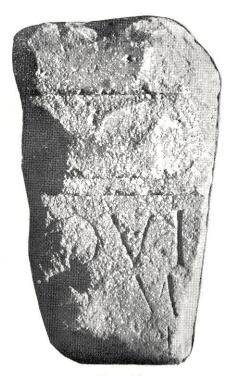
[I]OVI / O(ptimo) M(aximo) / [....]

A Júpiter Óptimo Máximo ...

Altura das letras: l. 1: 6/6,5; l. 2: 5. Espaços: 1: 2/1,5; 2 e 3: 1.

Os poucos caracteres monumentais que subsistem, com ápices terminais e gravados em bisel, denotam um trabalho bastante cuidado.

É mais uma dedicatória a Júpiter, numa região onde o seu culto (com vários epítetos e independentemente de quaisquer possíveis sincretismos) foi bastante vulgar.



Гото 75

ARA VOTIVA DE PARANHOS DA BEIRA

Гото 76

Esta ara esteve, durante algum tempo, no adro da igreja de Paranhos da Beira (Seia). Há cerca de trinta anos, foi guardada numa arrecadação junto à casa paroquial, onde se tem mantido esquecida (¹). Embora se desconheça a sua exacta origem, deve ser das imediações e é possível que seja recolhido, em breve, no Museu Municipal de Seia (em formação).

É em granito de grão fino, bastante elegante, com dois toros prismáticos baixos de $4 \times 4.5 \times 23$ no capitel. Tom frontões, anterior e posterior, com 4 cm de altura; em lugar do vulgar fóculo, um *umbo* cónico, de 7 cm de altura, com orifício no topo. O capitel apresenta listéis e gola directa, separados por ranhuras; a base, gola reversa, listel e soco.

capitel $20 \times 24 \times 23,5$

Dimensões: fuste $23 \times 19.5 \times 19.5$

base $16 \times 24,5 \times 24$.

Campo epigráfico: $23 \times 19,5$.

⁽¹) Soubemos por José Manuel Garcia que existe em Lisboa, no M.N.A.E., uma foto deste monumento: pelo que dissemos, terá que ser bastante antiga. O Prof. João de Castro Nunes informou-nos que, há cerca de trinta anos, o Doutor J. Piel lhe referira a existência do monumento, embora, na altura, já não recordasse onde o havia visto: talvez seja esta a explicação para a foto do M.N.A.E. Também o Doutor José d'Encarnação nos disse que apresentou ao IV Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleohispânicas, realizado em Vitória (Maio de 1985), uma comunicação com o título Omissão dos teónimos em inscrições votivas, onde aludiu a esta inscrição com base naquela foto.

M(?) . B(?) . S(?) . / IVNIA / FIRMINA / A(nimo) . L(ibens) . V(otum) . S(olvit) .

Júnia Firmina cumpriu de bom grado o voto a M(?) B(?) S(?).

Altura das letras: l. 1: 3 (B = 3,4); l. 2: 3,5; l. 3: 3,5/3; l. 4: 3/3,5. Espaços: 1: 2/2,5; 2: 1,5/2,5 (entre A e S); 3: 2/1,5; 4: 1,5; 5: 2.

Caracteres monumentais bem desenhados, grafados em bisel e com ápices terminais.

A antroponímia latina da dedicante, com omissão da filiação, poderá, eventualmente, esconder a sua condição de liberta. É, no entanto, a indicação do teónimo, utilizando siglas (talvez porque estivesse integrado num santuário), que levanta maiores problemas, uma vez que estas podem adaptar-se a várias interpretações. Além da sigla S — que provavelmente corresponderá a S(acrum) mas também pode corresponder a S(ancto) ou a S(anctae) — teremos (possivelmente entre outras hipóteses mais):

- a) M(arti) B(oro)
- b) M(ercurio) B(=epíteto)
- c) M(unidi) B(=epiteto)
- d) M(atri) B(onae)

Parecem ser estas as interpretações mais prováveis, dado que *Mars Borus* se documentou já em Monsanto (Idanha-a-Nova); *Mercurius* por vezes aparece com epítetos — embora em Infias (Fornos de Algodres) (CIL II 425) assim não seja; por fim, também a *Munidis/Munidia* se acrescentam epítetos, apesar de, sem eles, o teónimo se ter registado em Celorico da Beira (CIL II 424), conforme correcção nossa (²). Somente o culto às *Matres* ainda se não identificou na região.

Por conseguinte, apenas a descoberta de outro monumento da região, em que o nome da divindade esteja por extenso, poderá esclarecer a decifração deste.

Pela paleografia, é epígrafe datável de finais do século 1 d.C.

 ⁽²⁾ Fernando Patrício Curado, Epigrafia das Beiras (Notas e Correcções
 1), «Beira Alta», Viseu, no prelo.



Гото 76

FRAGMENTO DE ARA DO MUSEU DE PINHEL

Гото 77

Há já alguns anos que se conserva no Museu Municipal de Pinhel este fragmento, de que não existe qualquer registo de entrada (¹);

Corresponde à metade superior de uma ara em granito de grão médio, que foi reaproveitada como base de, possivelmente, um pequeno cruzeiro, uma vez que apresenta ainda, no topo do fuste, o orifício de encaixe. Na face posterior tem insculpida uma cruz com 21 cm de altura e 13 de largura nos braços.

Aquando do reaproveitamento, para facilitar a sua utilização em posição invertida, foram desbastados os toros do capitel (com 7,5 × 29) que ladeavam um fóculo circular (com 16 cm de diâmetro), também desbastado. Na face lateral esquerda, o capitel foi igualmente sujeito a desbaste. Na moldura, em garganta, à gola (com cerca de 6,5 cm) seguia-se um pequeno filete (com 1,5 cm).

Dimensões: capitel $15 \times (35) \times 36$ fuste $(22) \times 24 \times 22$.

Campo epigráfico: (22) \times 24.

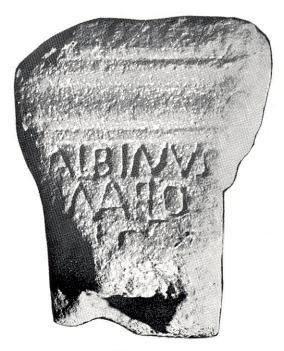
ALBINVS / MAELO/[N]IS (filius) / [... ...]

⁽¹) Quem o recolheu assegurou-nos que é do concelho de Pinhel, embora (por motivos que nos são alheios) se recuse a dar uma informação sobre a sua proveniência mais exacta.

Albino, (filho) de Melão ...

Altura das letras: l. 1: 4,5; l. 2: 5,5/5; l. 3: ? Espaços: 1: 0; 2: 0/0,5; 3: 0,5.

Tendo-se perdido o nome do deus a quem, em cumprimento de um voto, se erigiu — e que se encontraria, decerto, nas linhas seguintes — este monumento servirá, ao menos, como um registo mais de dois antropónimos indígenas já conhecidos na região: Maelo|Mailo e Albinus.



Гото 77

FRAGMENTO DE ARA DE ALDEIA DE SANTA MARGARIDA

Гото 78

Este fragmento apareceu recentemente, ao efectuarem-se obras de restauro numa residência de Aldeia de Santa Margarida (Idanha-a-Nova) (¹). Encontra-se, à guarda do presidente da Junta de Freguesia, em casa de Maria José Martins Afonso.

Em granito de grão médio, bastante erosionado, corresponde à metade inferior de uma ara votiva. A moldura da base é de gola reversa, seguida de dois listéis e soco.

Dimensões: fuste (11)
$$\times$$
 20,5 \times 19 base 23,5 \times 28 \times 27.

A ..., pelo voto de Severa, filha de Abrílio (ou Abril).

Altura das letras: l. 1: 3; l. 2: 4,5 (A = 3); l. 3: 3. Espaços: 1: (3,5); 2 e 3: 0,5.

Paginação decerto segundo um eixo de simetria. Na l. 2, para evitar a separação silábica, por translineação, houve o cuidado de recorrer ao nexo $\overline{\rm VE}$ e de se gravar o A em módulo mais reduzido. A última linha já foi escrita na moldura da base.

⁽¹⁾ Agradecemos a Pedro Salvado ter-nos mostrado este monumento.

Na parte da inscrição que falta poderia estar, eventualmente, além do teónimo, a identificação de quem erigiu a ara em nome de Severa. É grande a tentação para ver, na l. 1, o radical de Isi(braiegui), um dos epítetos locais de Bandis, mas isso não passaria de mera conjectura: primeiro, porque no início da linha deverá ter existido uma outra letra, para manter a paginação; segundo, porque a actual terceira letra também poderá ler-se F, sendo, nesse caso, as duas letras anteriores o final de um patronímico em genitivo.

Severa é cognome latino documentado na região. Na última linha, ainda que bastante danificada, lê-se bem Abrili, genitivo de Abrilius ou Abrilius, certamente uma variante sonora de Aprilius, de que se conhece o feminino Aprilia (CIL II 2734 = ILER 4608); com eles se relaciona Aprilis, mais frequente (CIL II 393, 3254 e 3359).



Гото 78

LÁPIDE DO RAMIRÃO

Гото 79

Esta lápide funerária, em granito de grão médio, está embutida, em posição invertida, numa parede interior da residência do senhor Joaquim Luís de Pina, na aldeia de Ramirão (Casal-Vasco, Fornos de Algodres). Há já alguns anos, rebocada a parede, foi deixada a descoberto a quase totalidade da face anterior (¹). Não tem qualquer tipo de moldura e o campo epigráfico apenas é rebaixado.

Dimensões: $(31) \times (73,5) \times ?$ Campo epigráfico: $28 \times 60/61$.

LOBAENVS . / MANI (filius) . ANNO(rum) / VII (septem) . PATER . F(ilio) . F(aciendum) C(uravit).

(Aqui jaz) Lobaeno, (filho) de Mânio, de sete anos. O pai mandou fazer ao filho (esta memória).

Altura das letras: l. 1: 6,5/7; l. 2: 7/6,5 (O = 5); l. 3: 6/6,5. Espaços: 1: 2; 2: 1,5/2; 3: 2; 4: 2/1,5.

⁽¹) O monumento já foi referido, em 1977, num trabalho escolar para a cadeira de Epigrafia, entregue na Faculdade de Letras de Lisboa pelo Dr. José Adelino Leitão (de Fornos de Algodres), a quem agradecemos a informação. Também o Prof. João de Castro Nunes nos informou que o citara numa comunicação ao III Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleo-hispânicas (realizado em Lisboa, em Novembro de 1980), com o título Do patronímico paleohispânico ao português medieval; soubemos, no entanto, que esta comunicação não chegou a ser apresentada.

Texto simples com o nome do defunto em nominativo e sem consagração aos Manes, provavelmente do séc. 1.

Se *Manus/Manius* (²) não é vulgar (regista-se em Idanha e Cória — sempre como patronímico), já *Lobaenus* parece ser a primeira vez que se identifica na Península com esta grafia: pensamos que será uma variante de *Lubaina/Lubainus*, já conhecido (³).



Fото 79

⁽²⁾ Vide Almeida, D. Fernando de, Egitânia, Lisboa, 1956, n.ºs 10 (= CIL II 436), 35 e 71; e também San António, Ricardo Hurtado de, Corpus Provincial de Inscripciones Latinas — Caceres, Cáceres, 1977, n.º 771. Solin, Heikki, Die innere chronologie des romischen cognomens, in «L'Onomastique Latine» (Colloques Internationaux du C.N.R.S., Paris 1975), Paris, 1977, p. 124, s.v. «Manius», coloca-o entre os cognomina latinos de época republicana; e Heurgon, Jacques, Onomastique étrusque: la dénomination gentilice, ibidem, p. 27, indica Manios como antropónimo etrusco.

⁽³⁾ Sobre a etimologia de Lobaenus, vide Maria de Lourdes Albertos Firmat, O.H., s.v. «Lubianus».